

Concepção de Sílvia Lourenço

Sílvia Lourenço

Danni Carlos

Paulo Vilhena

Maria Clara Spinelli

Gustavo Machado

Fabio Herford

Lelah Moreno

Quanto  
dura é  
Amor?

Adaptado por  
Roberto Moreira

## A HISTÓRIA

Marina, jovem aspirante a atriz, chega a São Paulo cheia de sonhos de independência e realização. Vai dividir um apartamento em um condomínio no coração da cidade com Suzana, advogada solitária e com um quê de mistério. A poucos andares, Jay, escritor de um livro só, procura um sentido para a vida. Na noite, Marina se encanta pela cantora Justine. No Fórum, Suzana e o colega Gil começam um namoro. Na rua, Jay elegera para musa a prostituta Michelle. No ritmo impiedoso da cidade, os três vão viver a euforia da paixão e a sua outra face – para descobrir quanto dura o amor.

## O FILME

### São Paulo, encontros e desencontros

Em *Quanto Dura o Amor?*, Roberto Moreira constrói crônica sensível das paixões e decepções de três personagens que fogem da solidão na cidade

Segundo longa de Roberto Moreira (do premiado *Contra Todos*, 2004), o filme nasceu de um argumento desenvolvido pela produtora Geórgia Costa Araujo (*Antônia, O Signo da Cidade*) e a atriz Silvia Lourenço. No roteiro final, assinado por Moreira e Anna Muylaert (*O Ano em que meus pais saíram de férias*), os três protagonistas vivem encontros e desencontros num universo próximo, contemporâneo, típico dos jovens adultos de classe média paulistana – dos clubes da rua Augusta aos viadutos do cruzamento das avenidas Paulista e Consolação.

Com produção da Coração da Selva, conhecida por projetos como *Antônia* (2006), de Tata Amaral e *O Signo da Cidade* (2007), de Carlos Alberto Riccelli, *Quanto dura o Amor?* reúne um elenco de talentos e apostas, arregimentado em meses de testes pela atriz Paula Pretta. “O filme é um *ensemble*”, diz Roberto. “Aqui, é o conjunto de atores que conta.”

Egressos do cinema paulistano, Silvia Lourenço, de *Contra Todos* e *O Cheiro do Ralo*, faz Marina; Fábio Herford é Jay; Gustavo Machado, Gil. Paulo Vilhena, de *O Magnata* e *Chega de Saudade*, por sua vez, vive o dono de boate Nuno. Leilah Moreno, de *Antônia*, é a irascível Michelle. A cantora Danni Carlos, premiada com um Grammy Latino 2006 e finalista do *reality show A Fazenda*, dá vida à também cantora Justine. E a estreante Maria Clara Spinelli empresta a Suzana sua experiência de atriz e de vida. As atrizes Silvia Lourenço e Maria Clara Spinelli dividiram o prêmio de Melhor Atriz no II Festival Paulínia de Cinema (Paulínia – SP – 2009).

**“Para mim, o grande desafio era o espectador acreditar nesses personagens e se sentir próximo deles. *Quanto Dura o Amor?* não representa o mundo exatamente como ele é, mas sim como poderia ser. Eu quero que o espectador goste sinceramente de todos os personagens.”** Roberto Moreira

A construção do tom do filme passa pela preparação dos atores, conduzida pelo expert Sergio Penna, que tem no currículo o inédito *Lula, o Filho do Brasil*, de Fabio Barreto, além da preparação de Rodrigo Santoro para *Che*, de Steven Soderberg. Ao longo de um mês, eles frequentaram os ambientes e viveram as situações pelos quais os personagens passariam, experimentando suas emoções antecipadamente.

No mesmo sentido, a direção de arte de Marcos Pedroso, (*O Céu de Suely, Chega de Saudade*) trabalhou com a ideia de criar ambientes verossímeis sem chamar a atenção para si mesma; e a fotografia de Marcelo Trotta (*O Signo da Cidade, Alice* (HBO), *Som e Fúria* (Rede Globo)) buscou equilibrar o desejo de criar uma estética atraente com o registro dinâmico do plano-sequência.

“Não queria fazer um filme áspero, árido. Queríamos chegar a algo sofisticado visualmente”, explica Moreira. *Quanto Dura o Amor?* foi o primeiro longa-metragem brasileiro a utilizar a câmera RED ONE, formato digital de altíssima resolução (4K), superior ao HD.

Com presença marcante no enredo, as músicas reunidas pela trilha sonora de Livio Tragtenberg - incluindo favoritas como *High and Dry*, da banda inglesa Radiohead, que abre o filme - remetem também a um universo próximo, paulistano, contemporâneo. Cantora e compositora, Danni Carlos colaborou com Tragtenberg na criação do estilo musical de Justine, que mescla uma suavidade sensual e a rebeldia punk.

**Quanto Dura o Amor?**, assim, pretende ser um retrato de experiências da metrópole. Nela, o amor pode ser uma promessa de felicidade, uma aventura, uma salvação... ou não mais que uma dor ou uma mentira e um sentimento no qual os limites entre o desejo, a verdade e o efêmero são tênues.

**“Quis fazer um filme mais perto da nossa realidade, que fosse uma crônica dela.”** *Roberto Moreira*

## O DIRETOR Roberto Moreira

Roberto Moreira é o premiado diretor de *Contra Todos* (2004), seu longa-metragem de estréia que, em seu ano de lançamento, recebeu mais de 20 prêmios ao redor do mundo. Roberto, que também é professor do curso de cinema da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, é roteirista dos longas *Um Céu de Estrelas* (1996) e *Antônia* (2006), de Tata Amaral. Além disso, Roberto dirigiu episódios das séries de TV da Rede Globo e O2 Filmes *Cidade dos Homens* (2005) e *Antônia* (2006).

### A crônica de um universo próximo O diretor Roberto Moreira fala de *Quanto Dura o Amor?*

Como surgiu o argumento de *Quanto Dura o Amor?*?

Originalmente, escrevi a Marina para dar continuidade à Soninha, personagem de *Contra Todos* que terminava o filme com o pai morrendo em seus braços. O que é curioso, porque no final as duas personagens não têm nada a ver, assim como *Quanto Dura o Amor?* é um filme completamente diferente de *Contra Todos*. Mas desde a origem, a idéia era fazer um filme sobre uma menina que vem para a cidade grande e sofre um processo de desilusão: o baque de chegar à cidade, encontrar esse frenesi paulistano e então se desiludir. A idéia era fazer uma história de formação, da passagem da adolescência para a maturidade. Nas discussões de roteiro, acabamos tirando o foco da história da Marina, e o filme virou um multiplot, com vários personagens que também vivem esse processo.

Quais são os principais temas do filme?

Por ser uma história de formação, há o tema fundamental do desencanto, só que numa bem dolorosa, pois ao final todos os personagens são humilhados: o Jay pela Michelle, a Marina pelos pais da Justine, a Suzana por Gil. Todos levam uma cacetada. Mas o filme fala também de coisas como a situação do artista, sabidamente difícil. A Marina está fazendo publicidade, o diretor a espinafra porque ela está nervosa. E ela é uma atriz que faz Tchecov! Não é má atriz, mas está desarmada, despreparada. Também há o tema da cidade, a ideia de que São Paulo ilude. Você acha que vai chegar, vai ser acolhido, vai ter mil oportunidades. Mas as coisas não são tão fáceis. A cidade é áspera. Ao mesmo tempo em que fascina, é enganosa, violenta. O tema da solidão permeia todo o filme, que fala também de descoberta de sexualidade.

Assim como em *Contra Todos*, *Quanto Dura o Amor?* se passa em São Paulo. Mas se lá a ação estava na periferia, aqui estamos no centro, na Paulista com Consolação. Pensando na construção dos personagens, o que muda?

Por um lado, foi mais fácil. Não precisamos fazer pesquisa. Eu conheço esse universo. Por outro lado, há o risco de construir personagens caricatas. O público dessa região conhece a Marina. Então, a identificação tem que ser possível. Quando você vê um filme sobre classes populares, você compra; mas, se o filme é sobre a classe média, que você conhece de perto, muitas vezes acha os personagens falsos. Nesse sentido, falar do outro pode ser mais fácil do que falar de si mesmo. Como fazer um advogado de verdade, que não pareça artificial como na novela? Para mim, esse era um grande desafio: que, quando você olhasse o filme, acreditasse nos personagens. Os personagens desse filme não são a realidade, mas uma imagem da realidade. O *Contra Todos* é um filme naturalista; *Quanto Dura o Amor?* é um filme realista.

Os atores de *Quanto Dura o Amor?* contribuíram para o desenho dos personagens?

Entreguei o roteiro para todo mundo, mas com uma página de rosto que dizia: “Não decore os diálogos”. Em geral, acho os diálogos do cinema brasileiro artificiais; não são convincentes. Tenho uma busca específica por verossimilhança, e vem daí a preocupação de jogar fora os diálogos e trabalhá-los nas

improvisações, até ficarem naturais. Pedi para os atores não ensaiarem no camarim, para manter um frescor na hora da filmagem. E também por que isso coloca o ator numa situação instável, o que o deixa mais interessante. Além dos diálogos, houve muita contribuição. O Paulinho Vilhena fez um Nuno imprevisível, com uma garra que não estava programada, muito vigoroso. A Danni Carlos é do rock, conhece o universo da Justine, então também somou muito; como a Silvia, uma jovem atriz que já passou por tudo aquilo. E a Maria Clara Spinelli contribuiu muito, no sentido de nos orientar sobre o que é, de fato, uma transexual.

Como foi lidar com a questão delicada do transexualismo?

Suzana foi a personagem que exigiu mais pesquisa. A gente fez em torno de 70 entrevistas até achar a Maria Clara, que é transexual e atriz. Conversando com ela, descobrimos que estávamos desatualizados sobre o tema. O que tínhamos no roteiro original era praticamente um travesti. O resultado desse ajuste é que a Suzana vive no filme um drama muito contemporâneo. Não é “sou ou não sou?”, “faço ou não faço a operação?”, mas “Uma vez feita a operação, assumo a identidade transexual ou não?” Ela poderia ocultá-la.

Como foi a escolha do condomínio que serve de locação principal ao filme?

Sempre pensei num prédio dos anos 50, 60, grandioso. Um prédio que contivesse a ideia utópica do país do futuro da década de 50. Agora a gente está neste futuro, em 2009, e essa é a realidade das pessoas que vivem nesse prédio. O legal, para mim, é que tivesse essa cara de um futuro que deu errado.

Qual era a sua orientação para a direção de arte?

Eu não queria um filme como *Contra Todos*, que é árido, propositadamente áspero. Queria que ficasse bonito. Mas esse é que é o problema: bonito, mas não falso como um comercial de margarina. A referência que o Marcos Pedroso, diretor de arte, tinha era *O Gosto dos Outros* (Agnès Jaoui, 2000), um filme *clean*, em cinza e bege: tem uma unidade visual, mas tudo parece real. Nosso filme é todo desenhado plasticamente: as cenas com a Suzana e o Gil são cinzas, praticamente sem cor; já na boate há cor. Também com o Tintin (Marcelo Trotta), diretor de fotografia, as referências eram o cinema oriental: queríamos fazer uma coisa sofisticada visualmente, mas a partir de um registro realista. A imagem vem como um contraponto, um fundo, uma coisa que se soma ao trabalho dos atores.

Na linguagem de *Quanto Dura o Amor?*, o plano-sequência é um fundamento. Por que essa opção?

O *Contra Todos* é um filme hiperdecupado, cheio de cortes, nervoso. Aqui, eu queria fazer um filme plasticamente bonito, mas tinha um cronograma apertado e para garantir a imagem bonita, você tem que iluminar plano a plano. Então, o plano-sequência foi o jeito que achei de fazer o filme no cronograma. O plano-sequência foi também o jeito de improvisar com os atores. Eu fazia várias vezes o mesmo take, 10, 15 vezes, até a cena ficar boa.

Em uma das cenas do filme, Marina pega o papel de Sônia, de *Tio Vânia*. Por que a referência a Tchecov?

Pensei no Tchecov porque ele fala da gente. Fala do mundo que ele conhecia, como médico de província. Ele descreve a província russa. Não está falando da guerra, como o Tolstói em *Guerra e Paz*; não está fazendo um épico da Rússia. Ele está lá na descrição do cotidiano, do jovem que quer ser escritor, da frustração amorosa vivida pelo Tio Vânia. Então, na hora de pensar no que a Marina vai ensaiar, veio o Tchecov. Se você pensar, *Quanto Dura o Amor?* também é uma crônica, nesse sentido; não tem grandes conflitos e desenlaces surpreendentes.

A música tem um papel importante no filme. Como trabalharam a trilha?

Como estávamos fazendo um filme “nosso”, ou seja, localizado numa realidade urbana e contemporânea, a pergunta básica foi: “De quais músicas a gente gosta?” O repertório foi montado em cima disso. Depois de muita discussão, chegamos a *High and Dry*, do Radiohead, que era o consenso. E a partir daí, vieram as outras músicas. Com o Livio Tragtenberg, que fez a trilha, nos perguntamos o que Justine cantaria. Não era para ser uma coisa neo bossa, mas também não era rock pesado; tentamos achar alguma coisa entre esses estilos. Não queríamos fazer uma Justine agressiva, mas exótica, interessante.

## ELENCO

### Silvia Lourenço (Marina)

Formada pelo Teatro-Escola Célia Helena, integrou o grupo Macunaíma, de Antunes Filho, em três edições do projeto *Prêt-à-Porter*. Estreou no cinema em *Contra Todos* (2004), de Roberto Moreira, que lhe rendeu prêmios no Festival do Rio e em nove outros, no Brasil e no exterior. Atuou nos filmes *Querô*, de Carlos Cortez (2005), *O Cheiro do Ralo*, de Heitor Dhália (2007) e *Não Por Acaso*, de Philippe Barcinski (2008). Na televisão, fez os seriados *Alice* da HBO, de Karim Aïnouz e Sérgio Machado (2008), e *Tudo Novo de Novo* (2009), da Globo.

### Danni Carlos (Justine)

Cantora, compositora e atriz, ganhou o Grammy Latino de melhor disco (*Música Nova*) e melhor música (*Coisas Que eu Sei*, tema da novela *Duas Caras*), em 2007. Como atriz, participou do longa *A Mulher Invisível* (2009), de Claudio Torres, das novelas *Agora é que São Elas* (Globo, 2003) e *Cidadão Brasileiro* (Record, 2006) e do *reality show A Fazenda* (Record, 2009).

### Paulo Vilhena (Nuno)

Conhecido por papéis de sucesso em novelas, como o Fred de *Paraíso Tropical* (2007) e o Eros de *Três Irmãs* (2008), protagonizou o filme *O Magnata* (2007), de Johnny Araújo, e atuou em *Chega de Saudade* (2007), de Laís Bodanzky. No teatro, fez *Segredos do Pênis* (2002), de Evandro Mesquita, e *Essa Nossa Juventude* (2006), de Laís Bodanzky.

### Maria Clara Spinelli (Suzana)

Integrou por quatro anos a Matisse Cia. de Dança, com a qual participou de vários festivais pelo país. Atuou no monólogo *O Ser Gritante* (2004), baseado em textos de Clarice Lispector. Em 2008, foi convidada por Ivam Cabral (Os Satyros) para atuar no monólogo *Matéria dos Sonhos*, de Cláudia Pucci. **Quanto Dura o Amor?** é sua estréia no cinema.

### Gustavo Machado (Gil)

Ator, diretor e autor. Tem no currículo montagens teatrais como *Essa Nossa Juventude* (2005), direção de Laís Bodanzky; *O Aparento* (2006), de Felipe Hirsch; e *Cleide, Eló e as Pêras* (2006), de Gero Camilo. No cinema, participou de *Bicho de Sete Cabeças* (2000), de Laís Bodanzky; *Contra Todos* (2004), de Roberto Moreira; *O Corpo* (2007), de Rossana Foglia e Rubens Rewald; *Nome Próprio* (2008), de Murilo Salles; e *Olho de Boi* (2008), de Hermano Penna, pelo qual ganhou o prêmio de melhor ator no Festival de Gramado e na APCA.

### Fábio Herford (Jay)

Ator, diretor de teatro e coordenador de grupos amadores. Atuou em peças como *Tio Vânia*, com direção de Celso Frateschi, *Ricardo III*, com direção de Jô Soares, e na premiada montagem de *A Alma Boa de Setsuan*, de Marco Antonio Braz (2008). Fez participações nos filmes *Boleiros 1 e 2*, de Ugo Giorgeti (1998 e 2006) e *Os Normais 2* (2009), de José Alvarenga, e em programas e séries de TV, como *A Diarista*, *A Grande Família* e *Toma Lá Dá Cá*.

### **Leilah Moreno (Michelle)**

Atriz e cantora, foi a Barbarah do seriado e do longa *Antônia* (2006), de Tata Amaral. Seu primeiro disco, *Meus Segredos* (2002), teve 50 mil cópias vendidas. Na sequência vieram *Censurado* (2003) e *VIP* (2006). Desde 2005, integra a banda do programa *Altas Horas*, de Serginho Groisman, na Globo.

## São Paulo pelos olhos de quem chegou agora Silvia Lourenço fala de Marina

Qual foi a sua participação na criação do argumento de *Quanto Dura o Amor*??

Logo que lançou *Contra Todos*, Roberto me falou que tinha gostado muito da minha “colaboração” na dramaturgia do filme, já que os diálogos ficavam por conta dos atores. Como minha personagem era a única que acabava com um desfecho em aberto, surgiu a ideia de criar uma continuação para a vida da Soninha. As primeiras referências eram retratar a vida urbana do centro; e investigar a vida dessa garota, que está na transição da adolescência para idade adulta, com todas as provações desse rito de passagem: desilusões amorosas, a batalha por um trabalho que a realize etc. Depois percebemos que o que mais interessava era o fato da personagem vir de fora da cidade, para que o público também pudesse descobrir São Paulo através do olhar dela. O olhar da Marina sobre a cidade é de deslumbramento. Ela chega a São Paulo com a doçura de quem ainda não foi esmagado pelo cotidiano estressante da cidade, enquanto a Soninha tinha o tédio de quem passa horas na condução entre a periferia e o centro, e a agressividade de quem se acostumou a ter que brigar por um lugar em meio à multidão.

Quem é a Marina, e quais são os dramas e esperanças que ela representa?

Marina está num momento crucial, cheia de esperança no futuro e de coragem para enfrentar o desconhecido. Ela rompe com tudo em busca de um sonho de independência que só poderia ser conquistado numa cidade como São Paulo, onde a liberdade do anonimato oferece inúmeras possibilidades para quem busca uma identidade. De uma hora para outra, se muda para a Paulista com Consolação, divide apartamento com uma mulher completamente diferente dela e se apaixona por uma cantora que é o típico ícone moderninho da noite. Sua vida real em São Paulo supera qualquer ficção! Mas, entusiasmada com a rapidez dos acontecimentos, se recusa a enxergar os riscos; acaba desiludida, embora perceba que conquistou amigos, e que quem tem amigos consegue ao menos dividir a solidão.

Como foi o trabalho de preparação? Que tipo de exercícios foram feitos para ajudar na construção da Marina?

O principal foco do meu trabalho com o Sergio Penna foi descobrir o olhar de uma pessoa que vê São Paulo pela primeira vez, já que eu nasci aqui e moro bem no “coração da selva”. As ruas em volta do prédio onde a personagem mora foram o principal instrumento de trabalho nas improvisações iniciais. Além disso, fizemos exercícios dramáticos em ambientes da vida noturna da cidade, onde provavelmente Marina encontraria figuras como Justine e Nuno. Ensaiamos em clubes, na balada. O Penna tem essa prática muito bacana de colocar os atores em ação da maneira mais próxima possível do que o roteiro pede; é como se a gente fizesse o filme antes de filmá-lo, só que dando ênfase ao estado emocional das personagens.

Como a personagem foi sendo construída?

Sugeri praticamente tudo e o Roberto ia me dizendo o que estava bom, o que faltava, o que estava exagerado. Por exemplo, o sotaque fui eu que fiz questão de manter o tempo todo; acho charmoso e deixava a personagem mais inocente, caipira mesmo. E os textos a gente também improvisou bastante. O Roberto tem essa prática de filmar contra o roteiro e montar contra a filmagem. Tenho a impressão de que ele planeja muito para justamente poder arriscar em todas as etapas do processo de criação. É admirável, uma postura que abre possibilidades novas sempre.

## Segredos de Suzana

### Maria Clara Spinelli fala de Suzana

Como você foi selecionada para atuar no filme?

Uma amiga me falou que a Paula Pretta, atriz e produtora de elenco do filme, estava procurando atrizes para um filme. Conhecia a produtora Coração da Selva de Contra Todos e Antônia, e fiquei animadíssima. Vim a São Paulo para conhecer o Roberto e fiz um teste com o Gustavo Machado. Antes de saber a resposta, contei para os meus advogados sobre o personagem e eles me chamaram para fazer um estágio-laboratório com eles. Frequentei o fórum de São Borja (RS) e, como todos achavam que eu era de fato uma estagiária, tive mesmo de trabalhar. Foi uma experiência incrível.

Como você contribuiu para a construção da personagem?

Quando recebi o roteiro, levei um susto: a Suzana não era uma transexual, mas um travesti. Eles não tinham claro a diferença entre essas duas coisas. Em geral, se acha que transexual é um gay ao cubo; mas orientação sexual não tem nada a ver com gênero. Uma mulher transexual pode ser homossexual ou heterossexual. Então minha contribuição foi orientá-los sobre o que é uma transexual e assim dar mais humanidade e verossimilhança à Suzana. No roteiro original, por exemplo, ela ainda não tinha feito a cirurgia. Só decidia quando se apaixonava pelo Gil. Disse a eles que ninguém faz uma cirurgia dessas por causa de uma paixão. É preciso um motivo maior. Também sugeri sutilezas, detalhes; por exemplo, achava que ela tinha que ter uma boneca Barbie, cujo slogan é justamente “Tudo o que você quer ser”. A Barbie é um sonho de mulher, e, no meu caso, um sonho que não me deixavam ter. Descobri que isso é uma questão de várias transexuais.

Qual é a importância da Suzana, para você?

Não sou militante, mas, como artista, acho que tenho um papel social. Vi isso como uma oportunidade de contar uma história que nunca foi contada, de falar do assunto da melhor maneira possível. Todo mundo acha que o drama da transexual é a história da Brida, personagem do filme Transamérica: lutar, fazer a cirurgia e acabou. Na cabeça das pessoas, a cirurgia corresponde a casar com o príncipe encantado e viver feliz para sempre. Isso é mentira. A mulher readequada, que fez a cirurgia, vive outros dramas. É isso que o filme conta. A Suzana quer ser amada pelo o que é, e não apesar do que ela é.

## O malabarismo de continuar vivendo

### O escritor Jay por Fábio Herford

Como você chegou ao elenco principal do filme?

Particpei de três testes, cada um deles para um personagem diferente. Tempos depois, o assistente do Roberto me ligou urgente para fazer um teste para outro personagem. Um ator do elenco principal tinha saído e estavam procurando um substituto. O teste foi com a Silvia Lourenço, dirigido pelo Roberto. Eu me identifiquei demais com o personagem, que já era o Jay.

Quem é o Jay, para você?

O Jay é uma pessoa extremamente sensível. Um artista que tem grande dificuldade de se expressar na vida, principalmente quando ele é o personagem principal. Se tornar escritor foi algo natural, a maneira que encontrou de expressar tudo aquilo que é difícil e inventar um outro mundo, onde se sintam mais seguro. Ele representa a tentativa de se equilibrar diante de tanto medo, opressão, cobrança, impotência, complexos e traumas, de continuar esse malabarismo gigante de viver.

Como é trabalhar sem diálogos?

Foi um prazer enorme. Uma experiência que eu só tive no teatro, nunca no cinema. Eu lia o roteiro e os diálogos não estavam lá, somente algumas indicações. Isso dá um certo medo, mas, ao mesmo tempo, ajuda no envolvimento integral com a história.

## A PRODUTORA

### Coração da Selva

A Coração da Selva foi criada em 2003 pelos cineastas e produtores Geórgia Costa Araújo e Roberto Moreira, com foco em projetos de cinema, aliando tecnologia e novos formatos de distribuição. Seu primeiro projeto, ***Contra Todos***, dirigido por Roberto Moreira, foi o longa-metragem brasileiro mais premiado de 2004, com 28 prêmios em festivais nacionais e internacionais. ***Antônia***, dirigido por Tata Amaral, foi a primeira ação da produtora no campo das narrativas expandidas para outras mídias: originou um grupo musical, conteúdo cinematográfico para distribuição on-line e uma série de TV, exibida na Rede Globo. ***Antônia***, o filme, além de ganhar prêmios em mostras e festivais, participou, entre outros, dos festivais de Berlim, Toronto, Rotterdam, Havana e Los Angeles. Em 2008, a Coração da Selva co-produziu com a Pulsar Cinema e Globo Filmes ***O Signo da Cidade***, dirigido por Carlos Alberto Riccelli e escrito por Bruna Lombardi. O filme ficou em cartaz por mais de um ano, passou por 16 capitais do país e fez sua estréia internacional no Festival Internacional de Roma, em outubro de 2008. Atualmente, a produtora está produzindo os longas ***Onde Está a Felicidade?***, dirigido por Carlos Alberto Riccelli; ***Praia do Futuro***, dirigido por Karim Ainouz; e ***Terapia do Medo***, filme de terror dirigido por Roberto Moreira.

# FICHA TÉCNICA

**Quanto Dura o Amor?**  
(83 min, cor, Brasil, 2009)

**Elenco:**

SILVIA LOURENÇO (Marina)  
DANNI CARLOS (Justine)  
PAULO VILHENA (Nuno)  
MARIA CLARA SPINELLI (Suzana)  
GUSTAVO MACHADO (Gil)  
FÁBIO HERFORD (Jay)  
LEILAH MORENO (Michelle)  
SERGIO GUIZÉ (Caio)

Participação Especial  
AILTON GRAÇA

**Direção** ROBERTO MOREIRA

**Roteiro** ROBERTO MOREIRA

ANNA MUylaERT

**Direção de fotografia** MARCELO TROTTA

**Direção de arte** MARCOS PEDROSO

**Figurino** PAULA IGLECIO

**Música** LIVIO TRAGTENBERG

**Projetista de Som** EDUARDO SANTOS MENDES

**Som direto** JOÃO GODOY

**Preparação de Elenco** SERGIO PENNA

**Elenco** PAULA PRETTA

**Edição** MIRELLA MARTINELLI

**Produtora** GEÓRGIA COSTA ARAÚJO

**Produtoras Executivas** GEÓRGIA COSTA ARAÚJO

RACHEL BRAGA

ANDREZZA DE FARIA

**Produtor Delegado** LUCIANO PATRICK

**Produção** CORAÇÃO DA SELVA

**Distribuição** PANDORA FILMES

## **PATROCÍNIO**

Sabesp  
BNDES  
Estre Ambiental  
Petrobras  
Volkswagen Caminhões e Ônibus  
Adidas  
Galvani

## **APOIO**

Ancine – Lei do Audiovisual  
Fundo Setorial do Audiovisual  
FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos – Ministério da Ciência e Tecnologia  
Governo Federal – Ministério da Cultura  
Governo do Estado de São Paulo - Secretaria de Estado da Cultura  
Prefeitura de Paulínia – Secretaria Municipal de Cultura

## **PRODUTORES ASSOCIADOS**

TeleImage  
Quanta

## **PRODUÇÃO**

Coração da Selva

## **DISTRIBUIÇÃO**

Pandora Filmes

## **REPRESENTAÇÃO INTERNACIONAL**

FiGa Films

## CONTATO

Coração da Selva (Produtora)

+55 11 3814 2025

[contato@coracaodaselva.com.br](mailto:contato@coracaodaselva.com.br)

FiGa Films (Sales Agent)

Sandro Fiorin

323-229-9816

[sandro@figafilms.com](mailto:sandro@figafilms.com)

Cinnamon Comunicação (Imprensa)

Adriana Miranda

+55 11 3062 2015

[adrianamiranda@cinnamon.com.br](mailto:adrianamiranda@cinnamon.com.br)

[www.quantoduraoamor.com.br](http://www.quantoduraoamor.com.br)